

Os ensaios de Arasse

Murilo Eduardo dos Reis¹

Resumo

O objeto de análise desta resenha é a obra *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura* (2019), de Daniel Arasse. O objetivo é verificar como o historiador argelino analisa pinturas utilizando-se de diferentes gêneros textuais, como a carta, o relato ficcional e o diálogo. Além disso, é examinada a liberdade criativa que resulta em textos de alto gradiente artístico.

Palavras-Chave: Daniel Arasse; ensaios; pintura.

ARASSE, Daniel. **Nada se vê: seis ensaios sobre pintura**. Trad. Camila Boldrini e Daniel Lühmann. São Paulo: Editora 34, 2019, 168 páginas.

Theodor Adorno (2003, p. 29-30) escreve que o ensaio é um processo de experiência intelectual no qual o pensamento não avança em sentido único. Diferentes reflexões devem se cruzar como se costurassem um tapete. Terminado o produto, é possível conferir se a tessitura do texto possui densidade. Para o estudioso alemão (ADORNO, 2003, p. 37), a ensaística se aproxima da arte na medida em que é antissistemática, pois subverte paradigmas de gênero. São reflexões que se encaixam em *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura* (2019), de Daniel Arasse. Utilizando diferentes gêneros textuais como base, cada dossiê tem uma tela como *corpus*, objetos emoldurados que instigam o rompimento das fronteiras da interpretação.

Em *Cara Giulia*, peça que abre o volume, o enunciador mergulha em possíveis leituras a respeito de *Marte e Vênus surpreendidos por Vulcano*, de Tintoretto. Durante uma conversa informal com a destinatária que intitula o que seria uma carta, o remetente reflete sobre o fato de haver diferentes compreensões a respeito da mesma obra. Há uma intimidade comprovada pelo modo irônico como ele se refere à postura adotada pela interlocutora diante de uma pintura, como no momento em que sua seriedade artística é questionada: “Você, Giulia, *seriosa*? Tenha dó!” (ARASSE, 2019, p. 8).

Entre outras coisas, a epístola trata também de leituras que influenciam o olhar do espectador em relação a um trabalho artístico. No célebre ensaio *Contra a interpretação*, Susan Sontag (2020, p. 21) diz que muitas interpretações modernas consistem em reduzir produções artísticas a conteúdos inteligíveis. Assim, uma coisa que teria a capacidade de inquietar é transformada em algo dócil e submisso. Essa é justamente a crítica feita pelo

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil. E-mail: muriloreis86@gmail.com

enunciador com relação a Giulia – ao munir-se de resenhas, ela não encara o texto com seu próprio olhar, tornando o brilho do artista mais opaco.

Equipados de perspicácia e inventividade, os narradores de Arasse fazem análises destemidas e inventivas. O que faria um caracol na borda que separa representação de realidade na *Anunciação* do italiano Francesco del Cossa? É o que indaga o crítico que conduz a leitura de *O olhar do caracol*. Um dos trabalhos da análise crítica é justamente o de estabelecer uma pergunta (ou muitas) e avaliar todas as faces e marcas do objeto escolhido. É o que faz esse leitor que, à maneira de um detetive, percorre a história da arte em busca de outros casos nos quais também há a inusitada participação de insetos (moscas, gafanhotos) em famosas representações pictóricas de passagens bíblicas. O breve exame de recorrências enumera possíveis motivos (presença disfarçada de Deus, demarcação entre real e fictício) para a realização do “crime” em evidência.

Em *Um olho negro*, por intermédio de um narrador onisciente em terceira pessoa, acompanhamos os pensamentos de um articulista que se aproxima da tela *Adoração dos Magos*, de Bruegel. O estudioso busca encontrar respostas para o enigma que envolve o tratamento diferenciado dado pelo artista a Gaspar. Apenas ele, Maria e Jesus recebem pinceladas delicadas, destoando dos figurantes que acompanham o rito, todos concebidos de maneira cômica. Além disso, ao contrário de Baltassar e Melchior, o rei africano não está prostrado diante do falo do bebê envolto pelos braços da mãe – de certa maneira, o tema contrasta com a sexualidade feminina abordada no ensaio seguinte, *A pelugem de Madalena*, exame sobre as complexidades eróticas que envolvem a conhecida personagem bíblica.

Já *O olho do mestre* tem como objeto central nada menos que *As meninas*, de Velázquez. Utilizando como base as análises de Foucault em *As palavras e as coisas*, o intérprete-narrador cogita possíveis continuidades da cena retratada neste quadro em outros da autoria do mesmo pintor. Segundo ele, o filósofo francês se apropria da obra do artista espanhol e, a partir dela, realiza sua própria arte, algo que todos os críticos teriam o direito de fazer.

Estruturado em forma de diálogo, *A mulher na arca* apresenta dois estudiosos que debatem os detalhes da *Vênus de Urbino*, de Ticiano. Na superfície têxtil, vê-se, em primeiro plano, a protagonista nua, deitada em uma cama. Logo atrás dela, há o que poderia ser um biombo de matizes verde-escuros que confluem para a ausência total de cor. Mais ao fundo, uma menina olha, possivelmente acompanhada da criada, dentro de um baú. Depois de analisarem outros pormenores – o cãozinho que dorme aos pés da diva, o nível da cama em relação ao piso, a mão que jaze sobre o sexo, a semelhança da Vênus com uma *pin-up* –, os

historiadores chegam a uma plausível (nunca definitiva) leitura. Na época em que o quadro foi concebido (c. 1538), era comum encontrar arcos com forros internos ornados por ilustrações. Dessa maneira, pode-se inferir que o que se vê no primeiro plano é o campo de visão da menina que abre a tampa da mala.

João Adolfo Hansen (2006, p. 85) escreve que, em exercícios preparatórios de oratória concebidos na Grécia entre os séculos I e IV d. C., a éfrase remete à descrição e à exposição, dois processos associados às técnicas de ampliação de matérias narrativas. Neles, concebe-se um narrador que amplifica temas sobre os quais há concordância, como a exaltação da criatividade e do apuro técnico do pintor, além do estilo extraordinário e da beleza da obra de arte em si.

Tal é o *modus operandi* dos narradores presentes nos ensaios de Daniel Arasse. Eles não apenas exercitam a éfrase que coloca uma lupa sobre o talento e a percepção dos artistas como também expandem os significados contidos em cada uma das molduras. Munidos de ironia e linguagem fluida, os estudos de *Nada se vê* são verdadeiras viagens ensaísticas, leituras que, como as destacadas por Adorno, exploram inúmeras direções para, no final, formarem ricas colchas de retalhos e mostrarem elementos que estão além do alcançável pelos olhos.

Referências

- ADORNO, T. W. O ensaio como forma. In: _____. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, p. 15-45.
- ARASSE, D. *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura*. Trad. Camila Boldrini e Daniel Lühmann. São Paulo: Editora 34, 2019.
- HANSEN, J. A. *Categorias epidíticas da ekphrasis*. Revista USP, São Paulo, n. 71, p. 85-105, nov. 2006.
- SONTAG, S. Contra a interpretação. In: _____. *Contra a interpretação e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, p. 15-29.

Los ensayos de Arasse

Resumen

El objeto de análisis de esta revisión es el trabajo *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura* (2019), de Daniel Arasse. El objetivo es verificar cómo el historiador argelino analiza pinturas utilizando diferentes géneros textuales, como la carta, el relato ficticio y el diálogo. Además, se examina la libertad creativa que resulta en textos con un alto gradiente artístico.

Palabras claves: Daniel Arasse; ensayos; pintura.

Les essais d'Arasse

Résumé

L'objet d'analyse de cette revue est l'ouvrage *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura* (2019), de Daniel Arasse. L'objectif est de vérifier comment l'historien algérien analyse les peintures en utilisant différents genres textuels, comme la lettre, le récit fictif et le dialogue. En outre, la liberté de création qui se traduit par des textes à fort gradient artistique est examinée.

Mots-clés: Daniel Arasse; essai; peintures.

The essays by Arasse

Abstract

The object of analysis of this review is the work *Nada se vê: seis ensaios sobre pintura* (2019), by Daniel Arasse. The aim is to verify how the Algerian historian analyzes paintings using different textual genres, such as the letter, the fictional story and the dialogue. In addition, the creative freedom that results in texts with a high artistic gradient is examined.

Keywords: Daniel Arasse; essays; painting.